



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

WALCIRLENE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**A MORENINHA:
da narrativa romanesca ao filme**

Guarabira - PB
Dezembro de 2014.

WALCIRLENE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**A MORENINHA:
da narrativa romanesca ao filme**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em **Letras, habilitação em língua portuguesa** da **Universidade Estadual da Paraíba**, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de **Licenciado em Letras**.

Orientadora **Marilene Carlos do Vale Melo**.

Guarabira - PB
Dezembro de 2014.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C244m Nascimento, Walcirlene Teixeira do
A moreninha: da narrativa romanesca ao filme [manuscrito] : /
Walcirlene Teixeira Do Nascimento. - 2014.
15 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marilene Carlos do Vale Melo, Departamento de
Letras e Educação".

1. Romance. 2. Semiótica. 3 Filme. 4. Literatura Brasileira.
I. Título.

21. ed. CDD 869.3

WALCIRLENE TEIXEIRA DO NASCIMENTO

**A MORENINHA:
Da narrativa romanesca ao filme.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em **Letras, habilitação em língua portuguesa** da **Universidade Estadual da Paraíba**, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de **Licenciado em Letras**.

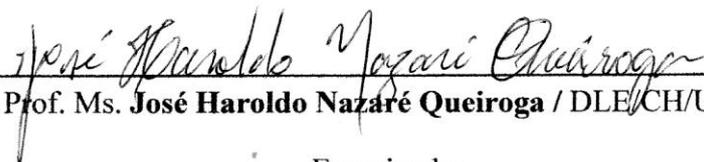
Orientadora **Marilene Carlos do Vale Melo**.

Aprovado em: 02 / 12 / 2014.



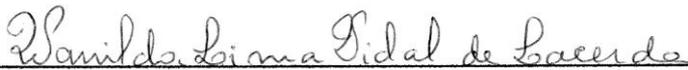
Prof. Dr^a **Marilene Carlos do Vale Melo** / DLE/CH/UEPB

Orientadora



Prof. Ms. **José Haroldo Nazaré Queiroga** / DLE/CH/UEPB

Examinador



Prof^a Dr^a. **Wanilda Lima Vidal de Lacerda** / DLE/CH/UEPB

Examinadora

RESUMO

O presente trabalho foi realizado a partir da análise das obras “A Moreninha” de Joaquim Manuel de Macedo de 1844 e a obra fílmica adaptada e homônima, de 1970, dirigida por Glauro Lange Laurelli. O trabalho se embasa nas teorias de semiótica e intersemiótica de PIERCE, que envolve a definição de signo e significante, fundamentais para a etapa de análise das obras. Para tanto, consideramos que se pode comparar, analisar e posteriormente agrupar as diferenças e semelhanças presentes no texto de Macedo e no filme, para se chegar à conclusão de que cada obra é única, por mais que se baseie em outra.

Palavras-chave: romance, semiótica, filme, A Moreninha

1. INTRODUÇÃO.

O Estudo trata da análise entre duas obras homônimas: “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo e, “A Moreninha”, adaptação cinematográfica de Glauco Mirko Laurelli de 1970, evidenciando a maneira singular como foi feita a transposição semiótica, exemplificando as diferenças e as semelhanças no processo comparativo

O foco do referido artigo é a busca pela demonstração da relação existente entre as obras, e que não se dá apenas pelo direcionamento dado à fidelidade do texto fonte, como uma repetição de uma obra anterior, mas que ocorre porque no filme é feita uma referência ao texto fonte, o que vem a ser outra construção interpretativa, uma vez que “o texto literário é um signo com múltiplas interpretações possíveis [...] e pode motivar inúmeros interpretantes” (ESPÍNDOLA, 2008). Em vista disso, a atualização do signo literário num filme pode ser visto como a materialização da leitura em cena, o que proporciona a percepção da potência significa como ato interpretativo, que pode acrescentar elementos ao texto de referência, que não exige que o leitor conheça o original, tornando-se uma obra de arte independente, segundo Espíndola (2008).

O fundamento teórico que serve de base a este estudo é a questão Semiótica, que adotamos para realizar e analisar a relação entre os textos, identificando o que há de comum entre elas, e o que difere como acréscimos ou supressão.

Para isso, apresentamos aspectos sobre a Semiótica objeto de estudo de PEIRCE. Dividimos nosso estudo em partes. A primeira descreve alguns breves conceitos sobre Semiótica. No outro momento, está a comparação dos textos do romance e a versão do filme para identificar as diferenças e semelhanças, das duas versões em estudo.

De acordo com a definição de Peirce, o conceito de *semiose*, a atividade do signo, é caracterizado como uma atividade eminentemente evolutiva. Sua definição de signo conduz ao centro das discussões desenvolvidas em anos de trabalho, os argumentos da fundação de seu pragmatismo, o postulado das relações lógicas existentes que se interrelacionam na entidade signo: os três elementos sígnicos: o *representamen*, o *objeto* e o *interpretante*. No estudo de signos, segue-se o estudo da Semiose, entendida como a ação dos signos. O processo de semiose, como objeto de análise da ciência semiótica, estabelece novas perspectivas e novas fundamentações teóricas, para o estudo dos processos que fortalecem a aquisição do conhecimento humano. E o conceito da semiologia, que tem relação com 3 elementos: Signo, Significante e Significado. O Signo, como disse representa alguma coisa para algo. O Significante é a parte material do signo, e o significado refere-se à parte do

conceito que as pessoas tem sobre alguma coisa. Por exemplo, a palavra “televisão”, o significante dela seria a palavra escrita no papel, ou o som de alguém falando a palavra, já o significado seria a imagem mental do que cada um tem de uma televisão. Para Peirce:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen.
PEIRCE (1995: 46)

Os estudos semióticos propuseram a este trabalho o olhar sobre os signos presentes na obra literária, e os adotados na versão fílmica, identificando uma relação entre eles, para assim buscar compreender o que ambos, o autor e o diretor estavam querendo repassar aos leitores /espectadores. As paisagens do livro, as locações do filme, as expressões e as aparências dos personagens, tudo visto e pensado como sinais que deveriam ser traduzidos por aqueles que se visse a frente das obras. Vale salientar, que através da aquisição gradual de um sistema simbólico, pode-se dizer que o homem, enquanto ser analisador, descobre uma maneira de adaptação ao meio, ou seja, consegue transformar toda a vida humana. Esta capacidade de abstração pertinente ao ser humano é responsável pela formalização de todo um universo simbólico, representa uma capacidade exclusiva do homem, diferente em espécie de qualquer outro organismo.

2. RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS

2.1 A MORENINHA: O ROMANCE

“A Moreninha” é um clássico de nossa literatura colonial, é o primeiro romance brasileiro. A linguagem é literária e manifesta algumas formas da língua oral, como o uso de jargões da época. Narrado em terceira pessoa, o narrador é onisciente. A Moreninha conta a romântica história de Augusto e D. Carolina (a Moreninha), Retratado no Brasil do séc. XIX. O espaço da narrativa está dividido em dois locais: na cidade (Rio de Janeiro) e em uma ilha, Tem seu início a partir do momento em que os amigos Augusto, Leopoldo e Fabrício são convidados por Felipe a passar o feriado de dia de Sant’ Ana, na casa de sua avó. Partem, então, os quatro amigos para a ilha onde os esperam a Anfitriã, D. Ana, suas amigas e as belas jovens da família e suas amigas, Dentre as quais se encontra D. Carolina. O romance se desenrola em três semanas e meia, contadas em tempo cronológico.

Mas ela não para: o movimento é a sua vida; esteve no jardim e em toda parte; cantou sobre o rochedo e ei-la outra vez no jardim! Infantigável, apenas suas faces se coroarão com o rubor da agitação. Travessa menina!...Porém ela tempera todas as travessuras com tanta viveza, graça e espírito, que, menos valera se não fizera o que faz. Não há um só, entre todos, de cuja alma não tenha se esvaído as ideias desfavoráveis que à primeira vista produzira o gênio inquieto de D. Carolina.
(MACEDO, 1998: p.68)

Fazem-se presentes os costumes da época, como por exemplo, as festividades católicas a Sant' Ana, os estudantes, os famosos bailes, o emaranhado de artimanhas para se realizar o flerte etc.

-Tu falas de amor Augusto?... Ainda bem que somos ambos estudantes da roça e posso dizer-te agora o que entendo, sem medo de ofender suscetibilidade de cortesão algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade?... que por natureza e hábito, as nossas roceiras são mais constantes que as cidadoas?..
(MACEDO, 1998: p.110)

Há referência a elementos do folclore local, como a lenda da gruta, dos índios tamoios, a qual conta a história de uma moça cujo choro havia se transformado na água da fonte que corre entre as formações rochosas na gruta. "Eu vou lhe contar a história das lágrimas de amor, ta qual ouvi à minha avó, que em pequena a aprendeu de um velho gentio que nesta ilha habitava" (Macedo, 1998: 62)

2.2 A MORENINHA: O FILME

O filme é datado de 1970. Retrata a narrativa de forma muito singular. Inicia-se já com cena do negro Tobias, criado do senhor Augusto, e segue com uma discussão que culmina na aposta. Augusto se afirma insensível ao amor e que não é capaz de amar a uma só moça. Tendo essa informação chave, o amigo Felipe lança a aposta, e afirma que ele se apaixonará por uma das moças presentes na ilha. Augusto, nega, Felipe afirma que ele terá de escrever um romance desse amor, caso venha a perder a aposta.

Assim como o romance, a narrativa cinematográfica é retratada em cenários que nos permite conhecer o período colonial e escravocrata brasileiro. O filme nos mostra aspectos históricos muito interessantes. A trilha sonora dirigida por Glauco M. Laurelli torna essa

narrativa um musical gracioso, com uma simplicidade e ternura ímpar. A coreografia é de Jura Otero. A narrativa/musical ou simplesmente musical, permaneceu por alguns anos como uma das maiores bilheterias do cinema brasileiro. Utilizando o vocabulário e linguajar peculiar da época, o filme parece nos transportar até a década de 1840. Levando-nos a conhecer um pouco dos costumes e sociedade da época. É a representação do amor como símbolo de inocência, manifestada no texto nas brincadeiras e juras infantis que, por vezes perduram e que o tempo não apaga.

2.3 O RETRATO DE UMA ÉPOCA

Retratar uma época, um período da história é uma tarefa, por vezes árdua, mas ao final, gratificante. O Rio de Janeiro, da época, era uma cidade heterogênea, com clara e forte divisão social com mansões e palacetes ao lado de bairros miseráveis. Na Rua do Ouvidor, estavam as últimas novidades de Paris, mas a febre amarela e a varíola periodicamente dizimavam a população pobre. Uma aristocracia culta e exigente povoava os salões e os espetáculos de ópera.

No fim do século XIX, a alta sociedade carioca foi tomada pela “febre” das reuniões, dos bailes, das festas e dos passeios ao ar livre. Em pouco tempo a cidade viu a inauguração de cafés, bares e do primeiro aquário público de água salgada. No século seguinte surgiram o Teatro Cassino (onde ainda funcionava uma casa de jogos) e o Cassino Beira-Mar – atrativos que davam à cidade um ar “civilizado”, como pregava a reforma urbana e sanitária em voga naquele momento. **FURTADO** (2007)

Nos palacetes das Laranjeiras, falava-se francês nas noites de gala, enquanto não longe dali, nos cortiços, a fome e a miséria faziam estragos na população. O uso do francês entre a população era comum no dia a dia, em expressões corriqueiras. Passagens e expressões que caminhavam juntas as da época, enriquecendo o vocabulário, fosse ele culto ou popular. Que, todavia se encontram com muita frequência nas falas dos personagens “- *C'est tro fort!*ⁱ! Bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado. [...] Que estava defronte ou como é de moda dizer - *vis-à-vis.*ⁱⁱ” (Macedo, 1998: p. 27 e 37). Observa-se também o uso de expressões latinas em conversas com os amigos, diga-se de passagem, que era bom tom usá-las: “É que este ano já tenho pagodeado meu *quantum satis*ⁱⁱⁱ...” [...] “... que não tome sorvete para não constipar, que não dê *dominus tecum*^{iv} a moço nenhum...” (Macedo, 1998: p. 16 e 78). Caminhando pelos dizeres do povo, nos deparamos com

expressões, por vezes, muito estranhas, características do período colonial. Sabe-se que cada época enraíza na fala de seu povo expressões que perduram por anos, até séculos, e algumas que se adaptam aos anos, junto com os costumes.

2.4 ROMANCE E FILME

O filme mantém a essência e a aprimora ao torná-la uma obra cantada, ou seja, um belo e emocionante musical romântico. Ao relacionar as obras, vê-se uma inversão a cena inicial em relação com a cena em que Fabrício pede socorro a Augusto; esta cena é anterior a chegada dos moços na ilha. No filme, isso ocorre ao contrário, depois de terem chegado à ilha e depois da cena do baile, e em momento algum se fala da carta que fora escrita de um para outro. Segue-se no filme a cena do baile, e esta se alonga, com danças, encontros e desencontros dos jovens. No romance esta cena não passa de algumas páginas, percebemos a intenção do cineasta em alongar essa cena para que assim reforçasse a afirmação de filme musical, onde se vê danças e falas cantadas.

A cena do jantar, que no livro segue-se após o baile, no filme ocorre muito antes, logo após a chegada de todos na ilha, e não se trata de um jantar e sim de um chá ao ar livre no pátio da casa, onde todos se encontram e conversam. Temos logo após a cena em que o senhor Augusto conta a D. Ana a história de seu amor infantil; no filme, esta cena se passa na varanda aos ouvidos de dois escravos que escutam escondidos, dentre eles o escravo Tobias. No livro as vastas áreas da casa dão à entrada da gruta, a famosa gruta da lenda indígena, esta cena inspira muito sentimento, muito amor, ocupa um capítulo inteiro, nela a gruta é detalhada, com um esmero belíssimo pelo autor.

Nela Augusto relata seu encontro com a jovem na beira da praia, seus doces momentos juntos, até a cena da cabana, carregada de forte apelo emocional, que se tivesse sido colocada no filme teria rendido alguns pares de lágrimas com toda a certeza. A junção dos breves, que na versão fílmica se dá nos primeiros momentos de encontro, que se caracterizam por uma concha fechada, que depois de aberta, serve de objeto/breve para cada um. Já a cena do filme se torna muito comum para a época, pode-se ver claramente que o roteirista, peca em perder toda a simbologia da gruta e de seus detalhes ao não incluí-la na versão cinematográfica, tais detalhes desempenham na narrativa romanesca papel fundamental para que o leitor seja levado ao ar romanesco e interiorano, ao qual o momento remete. Essa simbologia faz com que a lenda da índia Anahí seja bem mais próxima da história de Carolina.

As cenas que se seguem no filme não correspondem a sequência cronológica do texto, havendo um salto de dois capítulos, salto esse em que se perde a narrativa de D. Ana ao relatar a história da gruta e de seu amor indígena, que, aliás, dá a narrativa um toque muito particular, remete a um romance muito íntimo que se passou ali em tempos remotos todos os leitores se tornam parte desse momento ao ler a narrativa feita pela senhora. No filme a ordem de cenas adotada pelo roteirista torna clara a intenção de enfatizar e centralizar o filme na história de amor, encontros e desencontros de Augusto e Carolina, pois as cenas que se seguem no filme deixam de fora momentos e realocam outros em ordem completamente diferente da original.

A cena em que a calça de Augusto é suja por Carolina, no livro se passa na relva, em uma conversa informal com os amigos no lado exterior da casa. No filme, a mesma ocorre no baile, e não é café, e sim suco de alguma fruta de coloração avermelhada que mancha a calça. No filme a cena que se segue na qual Augusto vai se trocar no gabinete das moças, onde ocorre algo muito estranho na relação das cenas, estranho, porém, esperado. Há uma inserção de personagem. No livro Carolina não está nessa cena, no filme ela se encontra. Tudo se passa com tamanha rapidez no filme que, por vezes, nos perdemos no tempo, pois são muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

Os capítulos XV, XVI, XVII e XVIII onde respectivamente, lemos no livro as cenas que retratam o passar do dia de Sant'Ana na ilha, o sarau, a curiosa e muito engraçada cena da gruta, onde Augusto resolve receber todas as moças, e uma a uma ele revelou ser conhecedor de seus segredos com os outros rapazes, fazendo com que as mesmas jurassem silêncio a ele, até que dona Carolina o faz provar de seu próprio remédio, fazendo-o sentir na pele o que ele fizera às pobres moças passarem; é onde Carolina revela saber de seu segredo, de seu amor juvenil. Estes capítulos não aparecem no filme, curioso, pois, estas duas últimas seriam muito agradáveis de se ver, e muito divertidas. Segue-se as cenas que mostram os jovens de volta ao Rio. Os capítulos que se seguem relatam as semanas que se passaram desde o dia de Sant'Ana.

A volta de Augusto à ilha para ver Carolina, as cenas onde aprendera a marcar um lenço com bordado, na qual ele brinca de bonecas com a mesma, esta última também se encontra fora do filme. As descobertas do nascimento do amor no coração dos jovens rapazes. A aceitação de Augusto com um apaixonado por Carolina, chegando ao fim das obras uma vai daqui até a cena em que o pai de Augusto vai pedir a mão da jovem Carolina a sua avó para casar com seu filho, e onde a mesma vai a seu encontro e lá depois de tantas idas e vindas finda por se revelar quem é ela. Como sendo sua amada de infância a dona de seu breve e de

seu amor. E diante da gruta se fizeram noivos e ali a aposta fora cobrada pois se encontravam no dia 20 de agosto, justamente um mês após a aposta, Augusto devia um romance, o mesmo respondera que esta já estava escrito e que se chamaria. A MORENIHA.

No filme as cenas finais são razoavelmente parecidas, na hora do pedido quem aparece não é o pai de Augusto, e sim Kleberc para pedir a mão de Carolina em matrimônio pra Augusto, segue com uma pequena discussão deles dois por conta das juras feitas por Augusto a sua amada de infância, que faz com que por fim Carolina acabe se revelando com sendo ela a moça dos breves, a cena finda com eles no pátio do casarão e não na gruta como acontece no livro, e neste momento a aposta é cobrada e Augusto repete que já está paga, e que o “filme” acabara de ser gravado por eles, e que se chamará A MORENIHA.

2.5 PERSONAGENS:

Toda a história que envolve as personagens Carolina e Augusto, além de Amigos e da família, se passa na paradisíaca Ilha. Lá reencontraram aquele amor dos tempos de criança, trocaram juras de amor e um camafeu, peça fundamental para que eles se reconheçam. O personagem Augusto, estudante de medicina, morava em uma casa de classe média junto com seus amigos Felipe, Fabrício e Leopoldo. Os jovens eram da classe média jovial do Brasil colônia. Passavam bons períodos na faculdade e na vida boêmia da colônia, rodeados de festas e moças.

O que é bom dura pouco. As festas estão acabadas, as nossas belas conhecidas bordam, os nossos alegres estudantes estão de livros na mão. Mas, pelo que toca a estes, qual é digam-me, qual o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de compreender a lição? (MACEDO, 1998: p.107)

Cada personagem da narrativa nos remete a uma classe social da época. D. Carolina – jovem de quinze anos, travessa, inteligente, astuta e persistente na obtenção de seus intentos, carinhosamente apelidada de "a moreninha"; é a típica moça da sociedade colonial, ricamente vestida e prendada. “Ela é travessa como o beija-flor, inocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa como... uma mulher” (Macedo, 1998: p.38). Assim temos uma direta descrição de nossa personagem. Apesar da pouca idade, demonstra conhecimento da realidade

de sua época ao mesmo tempo em que exibe afeto e carinho por sua ama-escrava, “- Afasta-te daí, disse a menina em tom imperioso; e depois abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito, chorando, e começou a banhá-los.” (Macedo, 1998: p. 27 e 37). Esses são momentos que se destacam na narrativa por ser fato de todo muito comum entre as jovens abastadas.

No filme ela não é tão infantil e travessa como na obra original, livro ela é representada como uma jovem muito tenra em seus quinze anos de idade, com atitudes e muitas brincadeiras típicas de sua idade. Já no filme revela-se outra faceta de Carolina, uma Carolina muito mais jovial e adolescente, cheia de pensamentos e sentimentos ainda não compreendidos. Existem nessa personagem fases de interessante observação. Que só podemos observar ao ler o livro, neste Carolina ao decorrer da história vai usando sua traquinagem infantil ao seu favor para poder vingar-se das atitudes de Augusto para com todas as moças, ela mostra-se pensativa e muito ardilosa, ela planeja e esquematiza como se fosse uma adulta, aquilo que fará com o jovem, com de fato o faz. Vai descobrindo aos poucos o que é amar o que a faz amadurecer um pouco. No filme sua personalidade não é tão constante, pois as cenas e que ela se apresenta assim não foram colocadas na versão fílmica.

Há o jovem Augusto, o apaixonado inveterado, estudante alegre, jovial e inteligente. Sua educação, baseada na moral e nos costumes da época, o faz um moço muito educado e galante, de uma personalidade muito forte, decidido no que faz. Rapaz muito companheiro e fiel a seus amigos, que o acompanha aonde for. Resolver ir com eles a ilha, lembrando que fez, na infância, um juramento amoroso a certa jovem com a qual compromete seu amor, mas desconhece o nome ou a procedência. Passa sua vida, desde então, a cumprir tal compromisso.

- É uma história muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com efeito, não sou tal qual me pinte durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um belo ideal, com pretendi fazer crer; porém, o certo é que sou e quero ser inconstante com todas e conservar-me firme no amor de uma só. (MACEDO, 1998: p.47).

No filme nas primeiras cenas ele se mostra bem mais superficial e frívolo do que no livro, porém, com o decorrer do filme ele se mostra bem mais amável e fiel ao que lhe convém do que no livro, Augusto o apaixonado inconstante se apresenta muito menos conquistador e mais apreciador da beleza feminina, como se ele buscasse nas outras, uma que ele não sabe nem ao menos quem é. Jovem acostumado as festas e conquistas de sua idade, não concebe a idéia de seu amor ser de uma só jovem, pois seu juramento juvenil é muito forte, apresenta em ambas as obras a determinação da juventude, porém na obra original ele

demonstra muito mais dúvidas para com seu amor , muito mais inquietudes de sua idade do que na versão fílmica. No filme ele se mostra sensível, porém, um homem galante. Que tem pleno conhecimento de sua beleza e deu poder de sedução, se julga muito esperto e fugaz. Mas por fim acaba por aceitar que fora vencido pelas artimanhas do amor. E se entrega aos sentimentos por Carolina. Dona Ana, senhora da casa e avó de Carolina, matriarca da família, de ar austero e uma sobriedade muito grande, senhora de sessenta anos de idade, tenra se muito experiente. Recebe Felipe e seus amigos em sua casa para as festividades de Sant' Ana,

A Sra. D. Ana, este é o nome da avó de Felipe, é uma senhora de espírito e alguma instrução. Em consideração a seus sessenta anos, ela dispensa tudo quando e poderia dizer sobre o seu fico. Em suma, cheia de bondade e de agrado, ela recebe a todos com um sorriso nos lábios: seu coração pode-se talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente dedicado a querida neta, irmã de Felipe. (MACEDO, 1998: p.28).

Na narrativa, D. Ana conta a Augusto uma antiga história da ilha que poderia ser comparada à história dos dois; narra as peripécias de uma jovem índia tamoia que, enamorada por um jovem índio, não sabe mais o que fazer para que ele a perceba e reconheça seu amor, mas, que por fim quando tudo se dava por perdido, se concebe a vitória do amor juvenil. Nesta bela história em que as comparações de D. Ana elucidariam a Carolina como a jovem índia Ahy, que esperou incansavelmente por seu amado Aoitin, representado por Augusto. “Mas Ahy era tão formosa e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não pôde vencer o insensível moço, pôde do bruto rochedo: com efeito, seu canto havia amolecido a rocha e as suas lágrimas a transpassaram.” (Macedo, 1998: p.63).

D. Ana se apresenta na obra fílmica como uma senhora forte de princípios e de moral muito elevada, uma típica senhora do Brasil colonial, muito religiosa e dada aos cuidados com a casa. Preza muito pela boa companhia. Na obra original pouco destaque se dá a sua personalidade, porém as cenas em que ela se revela conhecedora das artimanhas da vida e dos saberes do amor, não foram colocadas no filme, uma as mais belas cenas em que aparece e na qual conta a Augusto a lenda dos índios da gruta, ela revela-se muito amigável e compreensiva. No filme ela se mostra muito apreciadora de bailes, festa e de reuniões com a juventude, a qual gosta de ter sob seus olhos. Avó que demonstra muito amor por seus netos. A mesma figura nas obras, porém, diferentes em suas atitudes, por isso a vemos de uma forma no livro e de outra no filme. D. Joanhina - Prima de Filipe, namorada de Fabrício. Jovem doce

e meiga, mas cheia de mimos, filha de uma viúva cujo pai era negociante. Tem uma irmã. Gosta de ir a espetáculos e muito amiga de D. Carolina

- Como se chama a senhora que está vestida de branco?
 - A Sra. D. Joana... tem 17 anos , e morre por casar.
 - Quem te disse isso?
 - Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas meu senhor!...
- (Macedo, 1998: p.24).

Um dos personagens secundários da obra, não apresenta muita diferença em suas características, sendo que tanto sua versão original como sua versão do filme, ambas são muito apressadas e loucas por casar, tem uma fixação louca por atenção a si mesma, e cobra isso de seus admiradores.

Filipe - Irmão de Carolina, neto de D. Ana. Estudante vive na cidade com seus amigos de faculdade, galante e muito apreciador da boemia, é o autor da aposta na qual, Augusto se encontra, e por ela faz-se apaixonar por D. Carolina. Felipe é um rapaz jovem e muito romântico.

... Felipe e Augusto, também estudantes, que, se até o dia 20 de agosto do corrente ano, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado um romance em que tal acontecimento confesse...

(Macedo, 1998: p.18).

Rapaz muito educado e amigo, muito dedicado, tem uma profunda admiração por seu amigo Augusto, outro personagem que não revela profundas mudanças em sua passagem da obra escrita para sua versão no filme. Mantém seu caráter e a sobriedade em ambas as aparições.

D. Violante, Senhora viúva e espirituosa, amiga de D. Ana. Dama muito levada aos risos e gracejos, na versão fílmica ela exhibe seu interesse em Augusto, solta lhe mil elogios por ser estudante de medicina. Cantora da corte, exhibe seus dotes no sarau de Sant'Ana. Tem um flerte ao final do filme com o alemão Kleberc, muito espalhafatosa sua versão no filme. Já no livro é mais contida, sem deixar seus gracejos de lado é claro. Se veste com muita pompa, aparece no filme cheia de rendas e jóias. Mãe muito cuidadosa com sua filha.

Aos demais personagens, segue-se uma breve descrição: Fabrício e Leopoldo - Amigos de Augusto, todos são estudantes de Medicina.

Além desses, há também outros três (empregados), que são: Paula, Tobias e Rafael. Mesmo que secundários os personagens são de suma importância na narrativa, pois acrescentam a ela elementos importantes, como fora visto no caso de D. Carolina e sua ama.

Na relação amistosa entre Augusto e Rafael seu negro criado. “Eram dez horas da noite e nada do moleque. Augusto via-se atormentado pela fome, Rafael, o seu querido moleque não aparecia... o bom Rafael, que era ao mesmo tempo o seu cozinheiro, limpa botas, cabeleireiro, moço de recados...” (Macedo, 1998: p.20). Dentre todos finalizamos com o alemão Keblerc que vivia bêbado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender todo o processo de formação de uma análise, seus pontos-chaves, torna-se muito importante para que se possa realizar com clareza um estudo como este.

Ao se perceber imagens, atuações, pensamentos, cenários, de ter o conhecimento para poder relacionar as obras e observar suas diferenças e semelhanças, podemos observar que toda obra adaptada é por si só uma nova obra, que apresenta os mesmos aspectos, mesmo que baseados nos originais, conferem um ar completamente novo; a visão do roteirista dá a obra fílmica uma alma própria.

O filme, em si, nos leva a identificar aspectos que a ação de signos define muito bem. O que antes fora mera imaginação nossa ao ler o livro, passa a ser real e visível, buscou-se compor com a palavra um paradigma de releitura simplificado e direto. Os personagens ao serem analisados, tiveram suas personalidades mantidas na essência. Por essas e outras constatações que a premissa de que toda obra adaptada por si só é uma nova obra, ganha força diante deste estudo. Pois, por mais que suas semelhanças sejam grandes, nunca será a mesma obra, seus personagens por mais que sejam parecidos e que tenham as mesmas características, jamais serão os originais. Este estudo propiciou uma visão de que cada um (autor/roteirista) tem sua visão do mundo, que o ser humano como agente modificador do espaço, detém essa forma de pensar e agir, colocando, portanto em suas obras, a sua própria essência, tornando-as únicas.

Bibliografia

LIVROS:

BACCARELLI, M. R. T. **Manual para Citações Bibliográficas**. Jaguariúna: PÓLIS Educacional, 2009. 13p.

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. - 45º ed. - São Paulo: Ática, 2001. 58p

FURTADO, J. F. **Cultura e sociedade no Brasil Colônia**. 1ª. São Paulo: Atual, 2004. 96p. (coleção Discutindo a História).

GANCHO, C.V. **Como Analisar Narrativas**. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 2010. 80p. (Série Princípios, 3)

MACEDO, J. M. **A Moreninha**. 30. Ed. São Paulo: Ática, 1844.

MELO, M. C. V. 2008. **Da História Editorial e das Variantes do Texto de Menino de Engenho**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/Marilene.pdf>. – Acesso em: 04/06/2014.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3ª ed. São Paulo, ed. Perspectiva, 2000. 335p. trad. José Teixeira Coelho Neto.

INTERNET:

AGRADÁVEL, In **DICIONÁRIO ONLINE CALDAS AULETE**. © Lexikon Editora Digital. 2014. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/agrad%C3%A1vel>>. Acesso em 01 jun. 2014.

CASTRO, R. **O poder da comunicação e a intertextualidade**. 2002. 239p. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-rita-o-poder-da-comunicacao-e-a-intertextualidade.pdf>> AcesSo em: 16 ago. 2014

FURTADO, L. J. **Passeio de Rico**. Janaína Lacerda Furtado. **12/9/2007**. disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/passeio-de-rico>>. Acesso em 08 jun. 2014

FABER, M. **História Ilustrada do Feudalismo**. 2011. 33p. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/medieval/feudalismo.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2014

FAUSTO, B. **HISTÓRIA DO BRASIL**. 1996. 89p. Disponível em: <<http://www.conisul.com.br/wp-content/uploads/2014/02/historiadobrasil.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2014.

GANCHO, C.V. **Como Analisar Narrativas**. 9ª. ed. São Paulo: Ática, 2010. 40p. (Série Princípios, 3) Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/rogerioalmeida/teoria-da>>

[narrativa/COMO%20ANALISAR%20NARRATIVAS.doc/at_download/file](#)> acesso em 16 abr. 2014.

DVD:

A MORENINHA. Direção Glauco Mirko Laurelli. Produção: Cláudio Petrágia, Luiz Sérgio Person e Glauco Mirko Laurelli. Interpretes: Sonia Braga, David Cardoso, Nilson Condé, Cláudia Mello, Roberto Orosco. Gênero Romance / Musical. Idioma Português. Música Cláudio Petrágia e Sandino Hohagen. Direção de arte: Flávio Phebo. Direção de fotografia: Rodolfo Icsey Estúdio Lauper Films Ltda. CBS do Brasil, Fundação Padre Anchieta . Distribuição: Cinedistri, 1970. DVD (96mm), widescreen, color. Roteiro baseado no famoso romance homônimo de Joaquim Manuel de Macedo

ⁱ Expressão francesa que significa “é forte demais!”

ⁱⁱ Expressão francesa que significa “uma pessoa (colocada) de frente à outra.”

ⁱⁱⁱ Locução latina que significa “o que basta”

^{iv} Expressão latina que significa “o senhor esteja contigo”